

TERRITÓRIOS CRIATIVOS NA CIDADE PLANEJADA

Beatriz Ramos Brandão de Faria¹
Leandro Bessa²

RESUMO

O artigo em questão é um resumo da dissertação homônima e ainda em andamento “Territórios Criativos na Cidade Planejada”. A pesquisa tem como objetivo principal compreender as condições e fatores que levam à formação e prosperidade dos territórios criativos para o crescimento econômico da cidade. O estudo concentra seu olhar sobre a Babilônia Norte e o Conic, considerando o fator da setorização de Brasília, que se revela como um fator crucial para a existência de empreendimentos específicos em determinadas áreas urbanas. A pesquisa será conduzida utilizando metodologias como a cartografia e análise documental, neste primeiro momento. Os conceitos de território (SANTOS, 2006) e cidades criativas (REIS, 2011) dão suporte ao embasamento teórico aqui desenvolvido, além das teorias a respeito da economia criativa como um caminho para o desenvolvimento e possível mudança da matriz econômica de Brasília.

PALAVRAS-CHAVE: Territórios Criativos. Economia Criativa. Brasília. Conic. Babilônia Norte.

INTRODUÇÃO

Brasília é uma personagem onisciente que afeta todos que tem uma vontade de se envolver e consumir arte, cultura e criatividade de um modo geral. Os espaços para festas, shows e outros eventos às vezes são restritos, as salas de cinema em sua maioria são voltadas aos filmes comerciais, poucos dos grandes artistas colocam a cidade na rota de suas turnês e são vários os eventos que preferem incentivar artistas de outros estados aos que criaram suas carreiras aqui. Qual seria o lugar dos atores criativos em Brasília?

Uma característica singular de Brasília é que ela já nasce como capital e especificamente com uma função administrativa, “de modo que as demais funções surgissem em função do papel administrativo” (SANTOS, 1965, p. 62). Nunca foi intenção que Brasília se tornasse uma cidade de cunho industrial ou comercial.

¹ Mestranda, no Mestrado Profissional Inovação em Comunicação e Economia Criativa, Universidade Católica de Brasília. Email: biaramosb@gmail.com.

² Doutor, Professor no Mestrado Profissional Inovação em Comunicação e Economia Criativa, Universidade Católica de Brasília. Email: leandro.bessa@p.ucb.br.

Isso só foi possível em virtude de investimentos concomitantes nas áreas de transportes, infraestrutura e comunicações que levam a cidade a apresentar-se como uma configuração territorial especializada.

Com a difusão dos transportes e das comunicações, cria-se a possibilidade da especialização produtiva. Regiões se especializam, não mais precisando produzir tudo para sua subsistência, pois, com os meios rápidos e eficientes de transporte, podem buscar em qualquer outro ponto do país, e mesmo do planeta, aquilo de que necessitam. (SANTOS, 2021, p. 57)

A urbanização de seu centro, o Plano Piloto, também foi estruturado com uma proposta de especialização dos espaços, em suas devidas proporções: a setorização das funções da cidade. Dentro do Plano, existem setores residenciais, comerciais, militares, de autarquias, bancário, de diversões etc. É justamente essa minuciosa divisão do Plano Piloto que nos leva a observar nosso objeto de pesquisa, a relação entre dois territórios criativos no Plano Piloto: as quadras CLN³ 205 e 206, apelidadas de Babilônia Norte⁴, e o Setor de Diversões Sul (SDS), conhecido popularmente como Conic⁵. Neste trabalho, compreendemos ambos como configurações territoriais especializadas, seguindo a ideia de Santos (2021) que a especialização no uso de territórios, seja natural ou cultural, se origina por questões técnicas ou políticas.

A vontade de investigar a Babilônia Norte partiu da observação do território como um local pulsante criativamente, mas, ao reparar o Conic, veio à mente a seguinte questão: o Setor de Diversões Sul parece não cumprir com sua vocação de abrigar empreendimentos criativos, principalmente quando voltamos o nosso foco para a sua história de resistência cultural. Por que existe essa dificuldade? Quais os fatores que impediram este território de florescer economicamente e cumprir seu objetivo como território criativo em Brasília?

Surgiu daí a vontade de investigar a questão que existe entre ambos territórios: de um lado, o Conic, um local que nasceu com a vocação de abrigar cinemas, livrarias, casas de festa, cafés e restaurantes, mas que pouco conseguiu

³ Comércio Local Norte.

⁴ O apelido surgiu em virtude dos jardins suspensos no interior dos prédios (TIZZO, 2019).

⁵ O local foi apelidado de Conic em função do nome da empresa pernambucana que construiu o complexo de edifícios e estabeleceu uma placa com seu nome durante sua construção. (NUNES, 2009, p. 19).

cumprir com seu objetivo nas cinco décadas de existência; do outro, a Babilônia, com prédios comerciais que atenderiam a comunidade residencial próxima com serviços essenciais, que viveu momentos de descuido e abandono, mas hoje se mostra como uma região efervescente de empreendimentos criativos. Então, quais seriam os fatores que levam à constituição de um território criativo? A proposta de uma cidade planejada, onde existe a condição de setorização, é um fator de influência para o florescimento (ou não) desses ditos territórios criativos? É interessante buscar uma consolidação de um, outro ou ambos os locais como territórios criativos dentro da cidade? Essas são as principais questões que embasam o interesse de pesquisa deste trabalho.

A investigação, ainda em andamento, é guiada pelo método cartográfico, tanto na análise de documentos quanto nas visitas à campo que estão por vir. A cartografia permite uma visão subjetiva dos processos históricos, fluxos e conexões que atravessam os territórios analisados, além de considerar a implicação e influência mútuas que pesquisador/observador exercem entre si (BARROS e PASSOS, 2020).

É neste método que também nos deparamos com o pensamento de Deleuze e Guattari de que um território só existe a partir da expressividade de seu ritmo, e não somente a partir da sua funcionalidade (PASSOS e BARROS, 2020), ou seja, permite uma análise para além de uma visão técnica e funcional sobre a ocupação desses locais, incluindo os fluxos que os perpassam, os modificam e os habitam. Este caminho (*hodos* da pesquisa) visa entender como os espaços se portam atualmente, a fim não de “isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo”, mas “para dar língua para afetos que pedem passagem” (BARROS; KASTRUP, 2020, p. 57).

A própria presença de um pesquisador em campo é um dos fluxos que o atravessa e esta presença causa interferências mútuas no pesquisador e nos territórios investigados. Passos e Barros expõem que:

Não há neutralidade do conhecimento, pois toda pesquisa intervém sobre a realidade mais do que apenas a representa ou constata em um discurso cioso das evidências. No processo de produção de conhecimento, há que se colocar em análise os atravessamentos que compõem um "campo" de pesquisa. [...] O observador está sempre

implicado no campo de observação, e a intervenção modifica o objeto (Princípio de Heisenberg)” (PASSOS; BARROS, 2020, p. 21)

Entender a constituição desses territórios criativos passa por analisar seu contexto pelos olhares da Geografia e do Urbanismo e a episteme do método cartográfico permite, também, uma visão sociológica do tema. Passos e Barros (2020, p. 21) também mencionam que a posição do pesquisador nas relações sociais estabelecidas no território, nas redes institucionais que lá existem, também são de extrema relevância para a investigação, de forma que não se pode relevar esta influência mútua.

Tendo a cartografia como a principal orientação, é importante ter em mente que “a ocupação de um território numa pesquisa não pode ser iniciada com um problema fechado, sabendo de antemão o que se busca. [...] Para o aprendiz-cartógrafo, o campo territorial não tem a identidade de suas certezas, mas a paixão de uma aventura” (ALVAREZ; PASSOS, 2020, p. 137). Aqui, temos um plano de experiência que será vivenciado neste percurso de investigação, observando pistas e “sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados.” (PASSOS; BARROS, 2020, p. 17).

1.1 TECENDO JUSTIFICATIVAS

Brasília era vista como a chave para o enfrentamento do subdesenvolvimento em diversos sentidos: o principal deles era a ocupação do Centro-oeste do Brasil. Sua concepção só se concretizou com a eleição de Juscelino Kubitschek em 1956 sendo que uma das principais intenções com a mudança da capital era diminuir o desequilíbrio regional brasileiro (em 1960, as regiões Norte e Centro-oeste correspondiam a 64% do território brasileiro e possuíam apenas 7% da população) aumentando a densidade demográfica na região e, assim, realizar uma ocupação mais efetiva da terra. Essa decisão foi “apontada, por alguns, até mesmo como um dos remédios a esse subdesenvolvimento nacional, acusada, por outros, de ser um agravante de alguns dos seus componentes” (SANTOS, 1965, p. 57).

Também não podemos deixar de lado a ideia utópica do “novo homem” que habitaria a cidade nos planos de Lúcio Costa: o funcionário público e as vantagens atreladas a este modelo de trabalho. O espaço urbano foi desenhado de forma um tanto quanto homogênea, praticamente ignorando as heterogêneas modalidades de existência social (NUNES, 2009, p. 17).

No Relatório do Plano Piloto de Brasília (PPB)⁶, Lúcio Costa explana que a proposta do “centro de diversões” seria uma mistura de Piccadilly Circus, Times Square e Champs-Élysées (IPHAN, 2018, p. 32); cinemas e teatros, terraços e cafés, casas de chás, vielas venezianas e *loggias*⁷ são termos que Costa adota para a proposta do setor, características que já direcionam qual tipo de público se pretendia que frequentasse o local. Nunes (2009, p. 24) observa que, “embora se tenha tido a intenção de diversificar os grupos sociais que viriam habitar a cidade planejada, os equipamentos de lazer propostos se dirigiam, em tese, para padrões sofisticados de consumo, numa clara ambivalência daquilo que a proposta continha”.

Esta diversificação mencionada apoiava-se no imaginário dos diversos níveis de funcionário público que a cidade receberia, mas, na verdade, é possível interpretá-la como um reforço à uniformização do morador brasileiro. Sobre a zona residencial, Lúcio Costa expõe que:

A gradação social poderá ser dosada facilmente atribuindo-se maior valor a determinadas quadras [...], o agrupamento delas, de quatro em quatro, propicia num certo grau a coexistência social, evitando-se assim uma indevida e indesejável estratificação. E, seja como for, as diferenças de padrão de uma quadra a outra serão neutralizadas pelo próprio agenciamento urbanístico proposto, e não serão de natureza a afetar o conforto social a que todos têm direito. Elas decorrerão apenas de uma maior ou menor densidade, do maior ou menor espaço atribuído a cada indivíduo e a cada família, da escolha dos materiais e do grau e requinte do acabamento. Neste sentido, deve-se impedir a enquistação de favelas tanto na periferia urbana quanto na rural. Cabe à Companhia Urbanizadora prover dentro do esquema proposto acomodações decentes e econômicas para a totalidade da população. (IPHAN, 2018, p. 38)

⁶ Documento apresentado pelo urbanista Lúcio Costa ao Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil.

⁷ Loggias são galerias ou varandas cobertas, muitas vezes com colunas, que se projetam de um edifício. Elas são comuns em arquitetura clássica e renascentista e são frequentemente usadas para fins decorativos ou para proporcionar sombra e proteção contra o sol e a chuva.

Quase 30 anos depois de sua inauguração, em 1987, Lucio Costa publicou o documento “Brasília Revisitada”⁸ que previa a construção de quadras econômicas entre as zonas centrais de Brasília e as hoje chamadas regiões administrativas, sendo áreas intermediárias “com a intenção de *misturar*⁹ as várias gradações sociais” (GDF, 1987, p. 23). A criação das novas zonas serviria para diminuir a distância que os moradores das regiões administrativas tinham do trabalho no centro da capital. Vale dizer que o novo planejamento não menciona novos centros de diversão como consta na proposta inicial para Brasília, apenas menciona que a setorização não devia ser seguida tão à risca.

Hoje, seis décadas após a publicação do Relatório do PPB e das opiniões de Milton Santos a respeito de Brasília apresentadas no início deste artigo, o termo desenvolvimento ainda circula com frequência. Não se esperava que as milhares de pessoas contratadas para a construção quisessem se assentar aqui, levando a um crescimento populacional superior a 500 mil pessoas e que, hoje, atinge seus quase 3 milhões de pessoas distribuídas em 35 regiões administrativas por todo o DF.

No momento atual, o Governo do Distrito Federal (GDF) entende a economia criativa como peça fundamental para mudança da matriz econômica da cidade e, conseqüentemente, seu almejado desenvolvimento, apesar de poucas iniciativas do GDF até o momento. Desde 2015 o GDF se esforça para incluir a economia criativa na agenda principal da cidade, mas segue a passos lentos. Por exemplo, o Conselho de Economia Criativa previsto em lei desde 2017¹⁰ ainda não se consolidou. (KIELING, DRAVET, MARQUES, 2022, p. 107 *apud* ROJAS, 2022).

Um dos caminhos adotados para este desenvolvimento é uma aproximação prática ao conceito de cidades criativas. Ana Carla Fonseca Reis (2011, p. 56) estabelece três estágios para o processo de transformação da

⁸ O documento é um anexo do Decreto 10.829 de 14 de outubro de 1987 que regulamenta a preservação da concepção urbanística de Brasília.

⁹ A grafia em *itálico* consta no documento original. Costa frisa que as áreas econômicas serviriam de moradia para pequenos funcionários do serviço público, quem recebia salário mínimo ou para ex-favelados. Não existe uma nota para o motivo da grafia dessa forma, o que nos leva a refletir se haveria realmente uma intenção de criar-se uma área verdadeiramente heterogênea ou se o urbanista tinha um tom intencionalmente irônico.

¹⁰ DISTRITO FEDERAL. Lei Complementar nº 934, de 09 de novembro de 2017. Institui a Lei Orgânica da Cultura dispondo sobre o Sistema de Arte e Cultura do Distrito Federal. Distrito Federal, DF

cidade por meio de sua criatividade: latência, onde a criatividade na cidade é esparsa e manifesta-se de forma isolada, sem conexões ou liderança entre as iniciativas criativas; a catalisação na qual a criatividade é impulsionada por fatores desencadeadores, como a atuação de organizações da sociedade civil ou políticas governamentais integradoras, criando polos ou clusters de criatividade, cultura, tecnologia; e a consolidação onde a criatividade se torna difusa e presente em toda a cidade, fomentada por uma governança compartilhada entre agentes públicos, privados, acadêmicos e da sociedade civil.

Aplicando esta proposta à Brasília, esta parece se enquadrar num estágio de latência, e os territórios Conic e Babilônia como as ilhas mencionadas pela autora:

Inexiste uma liderança que as integre, que pense a criatividade urbana de forma sistêmica e coordenada. Com isso, os espaços entre as áreas criativas são desconsiderados [...] A criatividade brota assim na cidade como em arquipélago, nas pontas, sem visibilidade para quem não interage com uma ou outra ilha. (REIS, 2011, p. 53).

É claro que o processo de elevar Brasília ao posto de cidade criativa deve ser trabalhado com paciência e a força conjunta de diversos órgãos, secretarias governamentais, instituições públicas, privadas e setor empresarial. Porém, entender as condições e fatores que levam à constituição e florescimento (ou não) de territórios criativos para a prosperidade econômica da cidade é um dos fatores iniciais desse processo.

2. ECONOMIA CRIATIVA COMO CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO

Não se passaram três décadas desde que o termo economia criativa despontou mundialmente em documentos de órgãos internacionais, legislações, planos de governo. Cada país tem uma interpretação do conceito de acordo com seus modelos econômicos seguidos, até porque, ao contrário de outras propostas vindas dos estudos da Economia, esta não surge dentro do ambiente acadêmico, mas sim no ambiente político. Apesar de algumas ideias divergentes a respeito do que seria esta economia criativa, é fato que a maioria dos países enfrentava a

desindustrialização das grandes cidades e aumento da concorrência a nível global. (CUNHA; YANAZE, 2015).

Atualmente, o conceito de economia criativa desenvolvido pela Conferência das Nações Unidas sobre o Comércio e Desenvolvimento (ONU/Unctad) é o mais utilizado, tanto pela academia quanto por governanças em suas legislações. Este define a economia criativa como um conceito em evolução que tem como base atividades e produtos originados a partir da criatividade e com grande potencial para desenvolvimento econômico, geração de emprego e renda (UNCTAD, 2010). É essa a abordagem mais adotada pelas instituições brasileiras.

A nível local, é possível observar um direcionamento para a adoção desse conceito para o Distrito Federal a partir de 2015, gestão de Rodrigo Rollemberg. Ele surge num momento em que o governo entende a necessidade da diversificação da matriz econômica para sustentabilidade da cidade:

Concebida para sediar o Governo Federal, Brasília foi criada e cresceu em torno do serviço público seja federal, seja de sua própria gestão. Tanto assim que parcela preponderante de sua economia está no setor de serviços, com participação ínfima da indústria e do setor primário. Esse modelo parece claramente aproximar-se de sua exaustão, notadamente em época de crise e de contenção. É, portanto, imprescindível buscar modelo alternativo de desenvolvimento, em complementação ao segmento de serviço que certamente continuará a desempenhar papel primordial na economia de Brasília. (GDF, 2015, p. 152)

A gestão Rollemberg (2015 - 2018) apresentou no seu plano de governo as seguintes diretrizes estratégicas para o DF: recuperar o papel do Estado como ordenador da ocupação territorial e indutor do desenvolvimento; fortalecer as vocações locais, descentralizar e diversificar a economia; e potencializar o papel da inovação, da tecnologia e das políticas sociais como promotoras do desenvolvimento e da geração de emprego e renda.

De fato, foram concretizadas algumas iniciativas em prol desse desenvolvimento a partir de 2015. É durante essa gestão que, em 2017, Brasília se insere na Rede de Cidades Criativas da UNESCO¹¹ como cidade criativa do

¹¹ O projeto foi lançado em 2004 e abrange sete campos criativos: Artesanato e Arte Popular, Design, Cinema, Gastronomia, Literatura, Artes Midiáticas e Música. Os objetivos da rede são fortalecer a

Design. As cidades que integram o território de algum país membro da UNESCO podem aplicar para o processo de inscrição e as selecionadas são designadas como Cidades Criativas da UNESCO com base em seus ativos culturais e criativos, planos de ação propostos, potencial contribuição para a visão e objetivos da rede e compromisso com o mandato da UNESCO e a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável¹². A rede visa tornar as cidades seguras, resilientes, inclusivas, sustentáveis e preparadas para o futuro.

Os documentos oficiais da UNESCO explicam os pontos de atenção que a cidade de Brasília tem com a rede e áreas do design de serviços, *design thinking* seriam os setores-chave para promoção de um desenvolvimento sustentável criativo. Os pontos específicos onde a cidade atua são: fortalecimento do setor de design da cidade através de avanços como a Lei Orgânica da Cultura; reforço do Plano de Cultura do Distrito Federal, assim como suas estratégias e iniciativas prioritárias para os próximos 10 anos, incluindo a posição da cultura e da criatividade como pilares estratégicos para o desenvolvimento territorial integrado; criação de oportunidades para os designers e construção de um cenário favorável para a próxima geração e a cadeia de suprimentos da indústria criativa; execução de iniciativas no Plano Plurianual do Governo do Distrito Federal, tornando Brasília uma referência em inovação, criatividade, cultura e turismo; e envolvimento de outras Cidades Criativas do Design em projetos (UNESCO, 2020, p. 73).

No documento, fica claro que, apesar de Brasília receber um título de cidade criativa do design, o foco seria alavancar outras potencialidades criativas. O design seria um fio-condutor para um propósito maior.

É possível notar os documentos oficiais do Distrito Federal a partir de 2015 que o Plano Plurianual do Governo do Distrito Federal (PPA) 2016 - 2019 inaugura o movimento de tratar a economia criativa como caminho para o desenvolvimento. Somente cinco anos após o surgimento do tema no PPA é que as primeiras

cooperação internacional, melhorar as iniciativas para tornar a criatividade um componente essencial do desenvolvimento urbano, criar e desenvolver centros de criatividade e inovação e integrar cultura e criatividade em estratégias e planos locais de desenvolvimento. (UNESCO, 2020).

¹² A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável foi criada pela ONU em 2015 como um plano de ação global para erradicar a pobreza, proteger o planeta e garantir a prosperidade para todos. Ela é composta por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas a serem alcançadas até 2030 e visa transformar o mundo em um lugar mais justo, pacífico e sustentável, e é considerada um marco histórico para o desenvolvimento global (UNESCO, 2023).

legislações que abordam a temática são lançadas, a Lei nº 6.620/20 e a Lei nº 6.833/21. A primeira dispõe sobre mecanismos, medidas e projetos para estímulo ao desenvolvimento científico, à pesquisa, à qualificação científica e tecnológica, à inovação e à economia criativa no Distrito Federal. Além de criar a Política Distrital de Ciência, Tecnologia e Inovação, estabelece diretrizes ao Plano Diretor de Ciência, Tecnologia e Inovação da Cidade Humana, Inteligente, Sustentável e Criativa. Já a segunda, institui a Política Distrital de Incentivo à Economia Criativa, suas definições, princípios norteadores e objetivos gerais.

Mesmo antes dessas duas legislações, o Governo do Distrito Federal instituiu, em 2018, o Conselho de Economia Criativa do DF (CONEC), órgão consultivo e propositivo, com representação igualitária entre governo e sociedade civil, responsável por propor e opinar sobre diretrizes e normas para políticas públicas de economia criativa. Ele compõe o Sistema de Arte e Cultura do DF, instituído pela Lei Orgânica da Cultura (lei complementar 934, de 7 de dezembro de 2017) e está diretamente vinculado à Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal. Porém, somente no ano de 2020 se tem registros da primeira reunião do conselho. Não foram encontrados novos registros, atas ou qualquer menção de atuação do Conselho nos últimos dois anos nos meios de comunicação oficiais do governo.

Essas legislações surgem após Brasília receber o título de Cidade Criativa do Design, indicando um movimento no sentido de institucionalizar a economia criativa nas ações do governo. O primeiro relatório do Panorama da Economia Criativa do Distrito Federal (PEC-DF)¹³, projeto de pesquisa da Universidade Católica de Brasília voltado aos estudos da economia criativa, também observa que existe um movimento na construção das legislações que acompanha o Governo Federal no sentido de “articular as atividades culturais e artísticas no âmbito das atividades criativas. A noção que prevalece não é da animação só de uma economia da cultura, mas de uma Economia Criativa.” (DRAVET; KIELING; MARQUES; 2022, p. 101), evidenciando a transdisciplinaridade do tema da economia criativa além do campo cultural.

¹³ KIELING, ALEXANDRE; DRAVET, FLORENCE; MARQUES, ALBERTO . Panorama da Economia Criativa do Distrito Federal (org.). Relatório parcial de pesquisa - FASE 1. Brasília, 2022.

Os últimos dados mensurados pela Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) mostram que as atividades criativas representaram aproximadamente 3,7% do PIB local do DF no ano de 2020¹⁴, evidenciando a necessidade de um olhar mais atento para a potencialidade do setor. É notável o esforço do poder público do Distrito Federal em incentivar a economia criativa local através dessas leis, mas o tema ainda carece de priorização dentro da gestão distrital.

3. TERRITÓRIOS CRIATIVOS E O CONTEXTO EM QUE SE INSEREM

Figura 01 - Cruzamento da Av. Monumental e do Eixo Rodoviário



Fonte: Reprodução - Revista Brasília, 1957

Primeiramente, vale lembrar que Brasília foi construída do zero, nascendo já planejada. É mais comum que as regiões construam sua personalidade e modifiquem paisagens e seu espaço geográfico através de uma longa evolução através dos anos, décadas, séculos. Se olharmos para o curso histórico de

¹⁴ FIRJAN. Mapeamento da indústria criativa do Brasil. Rio de Janeiro, 2022.

desenvolvimento das cidades, estas passam a se desenvolver de forma mais acelerada a partir do surgimento do capitalismo e de uma movimentação mais intensa de trocas. Através do plano de Lúcio Costa, as características desta personalidade da cidade não são construídas com o tempo, já são impostas a ela.

A partir da Geografia, entendemos que o espaço (SANTOS, 2006) é constituído de sistemas materiais e sistemas de ações. As ações constituem os fluxos que modificam condições ambientais e sociais dos elementos fixos de um espaço. O espaço é uma realidade relacional, ou seja, coisas e relações juntas; ele se constitui de formas (sistema material) contendo frações de sociedade em movimento.

Santos (2006) também discorre sobre o conceito de território, um “conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens superimpuseram a esses sistemas naturais.” (SANTOS, 2006, p. 38). Então de que maneira espaço e território se diferem?

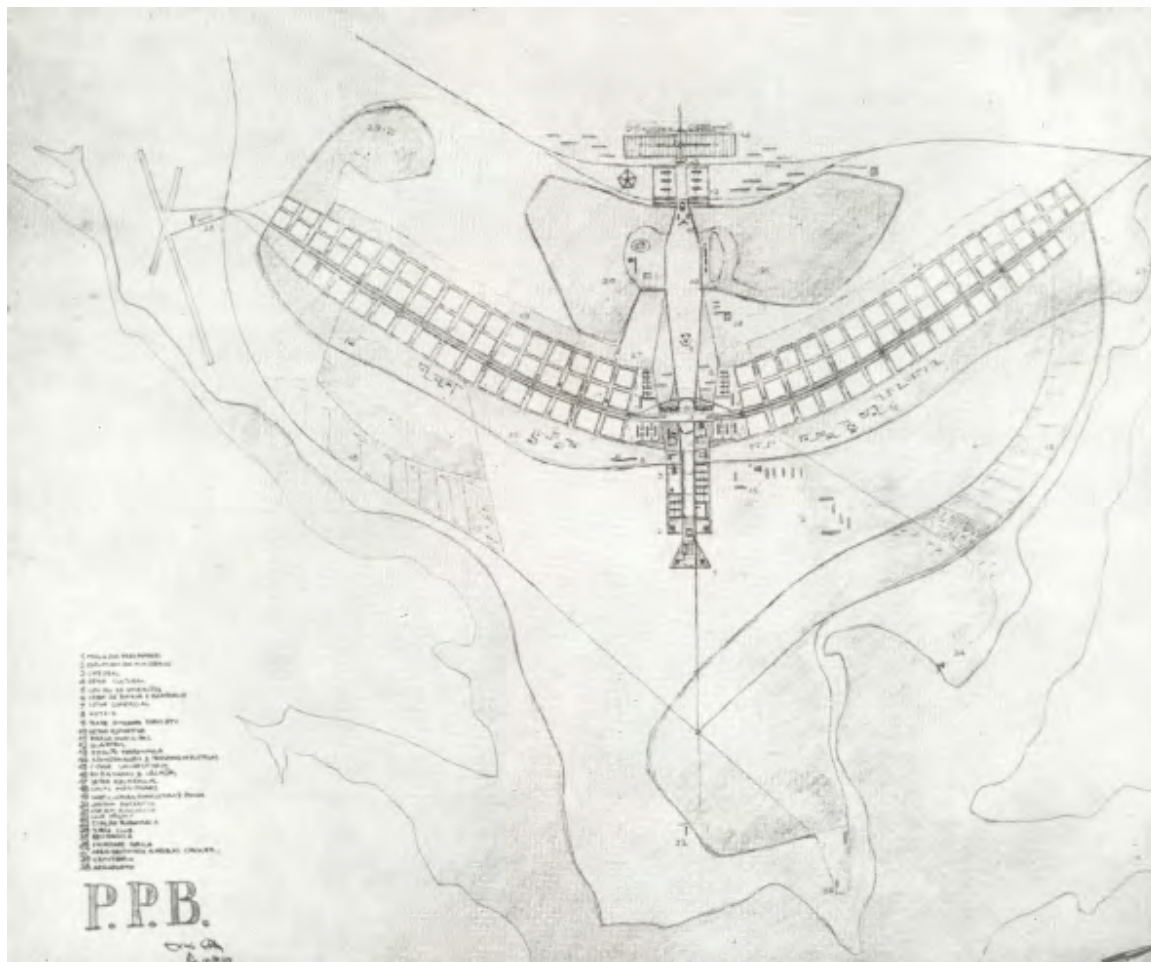
Os dois termos não devem ser confundidos porque a configuração territorial implica materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. O território existe por si só a partir dessa materialidade, porém, sua existência social “somente lhe é dada pelo fato das relações sociais”, ou seja, o território se constitui a partir do resultado de uma produção histórica. Santos sintetiza estes conceitos da seguinte forma:

A paisagem é o conjunto das coisas que se dão diretamente aos nossos sentidos; a configuração territorial é o conjunto total, integral, de todas as coisas que formam a natureza em seu aspecto superficial e visível; e o espaço é o resultado de um matrimônio ou um encontro, sagrado enquanto dura, entre a configuração territorial, a paisagem e a sociedade. O espaço é a totalidade verdadeira, porque dinâmica, resultado da geografização da sociedade sobre a configuração territorial. Podem as formas, durante muito tempo, permanecer as mesmas, mas como a sociedade está sempre em movimento, a mesma paisagem, a mesma configuração territorial oferece-nos, no transcurso histórico, espaços diferentes. (SANTOS, 2021, p. 85)

A partir dessa noção, passamos a considerar o Conic e a Babilônia Norte como territórios, entendendo-os como áreas delimitadas na cidade, no sentido literal da palavra, em função da setorização implantada em Brasília, mas também como conjuntos materializados por esta produção histórica.

3.1 ATIVIDADES CRIATIVAS DOS TERRITÓRIOS

Figura 02 - desenho de Lúcio Costa no PPB



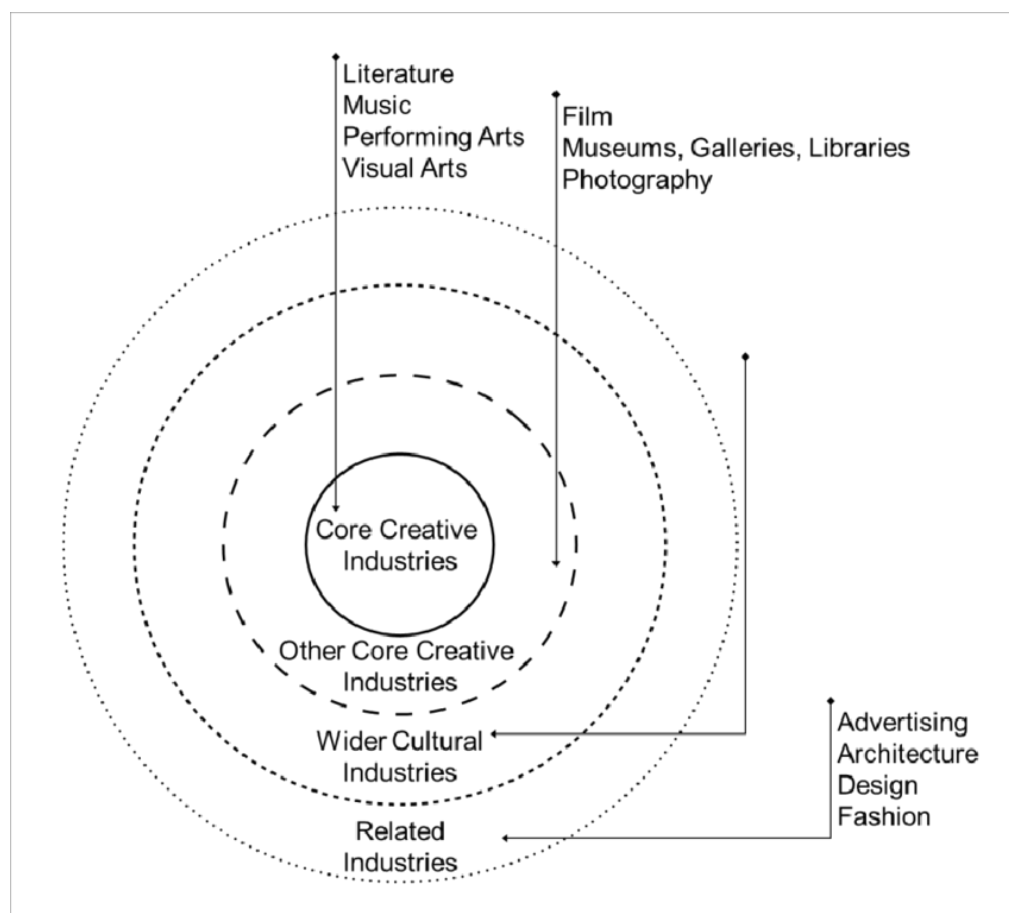
Fonte: Reprodução - Revista Brasília, 1957

No Relatório do PPB, Lúcio Costa cita que, em função dos setores residenciais se concentrarem ao longo do eixo rodoviário, estes cumpririam com as demais funções da cidade e se estabeleceriam transversalmente ao que conhecemos como eixo monumental. O setor de diversões seria um deles.

Os tipos de empreendimentos que deveriam ocupar este território delimitado do Setor de Diversões eram voltados a atividades de entretenimento, hoje compreendemos como partes de indústrias capazes de compor um subsetor econômico de grande valor para a cidade, com capacidade de geração de emprego e renda, ou seja, integrantes da economia criativa.

Essa relação entre o entretenimento e a economia criativa pode ser explorada por meio da teoria dos círculos concêntricos de David Throsby. O economista australiano propõe diferentes níveis de complexidade e mediações tecnológicas e econômicas envolvidas na produção de bens e serviços criativos. Esses círculos representam uma hierarquia, onde o círculo mais interno envolve atividades criativas essencialmente artísticas de menor complexidade, enquanto os círculos externos representam atividades de maior valor agregado, contemplando outras áreas das indústrias culturais. No último nível se encontram processos transversais que utilizam o conteúdo criativo de todos os demais círculos internos (CUNHA; YANAZE, 2015, p. 83).

Figura 03 - círculos concêntricos de Throsby

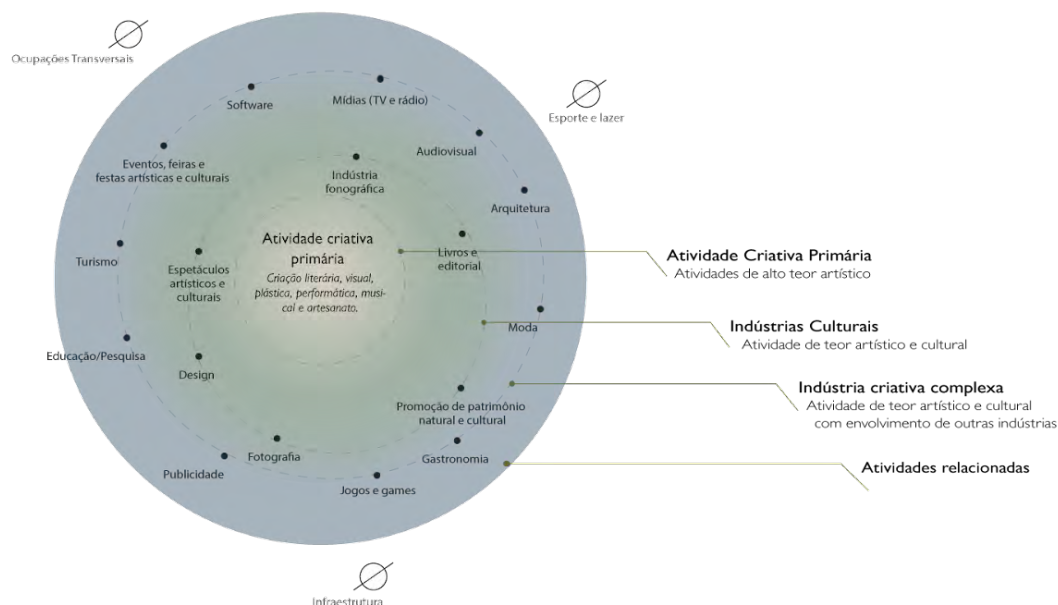


Fonte: reprodução - RICKMERS, 2015

Com base na teoria dos círculos concêntricos de David Throsby, o PEC-DF lança a proposta de se trabalhar a economia criativa numa classificação de

domínios criativos, subdivididos em quatro categorias que descrevem os processos relacionados à concepção, produção, preservação, distribuição e consumo de produtos criativos. Assim como em Throsby (2008), cada círculo possui diferentes níveis de complexidade ou mediações tecnológicas e econômicas envolvidas. Porém, a nova proposta tem uma lógica de dinamicidade, uma espécie de cosmos onde as atividades de cada domínio podem se aproximar ou se afastar de outras dependendo do contexto em que estão inseridas.

Figura 04 - domínios criativos distribuídos nos círculos dinâmicos



Fonte: Reprodução - KIELING; DRAVET; MARQUES, 2022

O núcleo corresponde às atividades criativas primárias, que compreendem ocupações e não processos estruturados, já que esse tipo de atividade sustenta a produção criativa individual ou em produção semi-industrial. À medida que se afasta do núcleo, os processos vão tomando forma e se estruturando na medida em que se apresentam dentro de escalas industriais (indústria cultural e indústrias criativas complexas).

A partir deste estudo, estabelecemos uma relação do Conic e da Babilônia Norte com este cosmos da economia criativa, já que os territórios se mostram um

abrigo a diversas atividades do círculo dinâmico, trabalhando a transversalidade deste subsetor econômico.

3. ENTRE MEMÓRIAS E TRANSFORMAÇÕES: A HISTÓRIA DE CONIC E BABILÔNIA COMO TERRITÓRIOS CRIATIVOS

Para entender o estado atual dos territórios, é preciso conhecer sua história. Cronologicamente, o Conic nasce primeiro, ocupando o centro da nova capital a partir de 1967, com uma vontade de assemelhar-se a uma Times Square ou Champs-Élysées, nas devidas proporções. Seguindo o plano urbanístico, a região se chama Setor de Diversões Sul, mas o local foi apelidado de Conic.

As primeiras quadras residenciais construídas (107, 307, 108 e 308 sul) se localizam a aproximadamente três quilômetros de distância do que seria um dos únicos espaços para lazer e entretenimento no início da cidade. Isso agregado ao fato de que Brasília era um completo canteiro de obras e não era convidativo circular por esse percurso até o centro, fez com que o Conic cumprisse outras funções como, por exemplo, abrigar embaixadas que ainda não tinham seus próprios prédios.

A instalação das embaixadas até levou ao local um público com elevado padrão social, atraindo restaurantes e lojas sofisticadas. Porém, à medida que as embaixadas constroem suas próprias sedes e transferem dali suas atividades e rotinas, o Conic entra rapidamente num movimento de degradação e seu propósito parece ser praticamente esquecido pelas autoridades locais (NUNES, 2009, p. 19). Nos anos 1980, o complexo de prédios entrou numa era de decadência, se tornando um ponto de prostituição, crime e comércio de drogas, fazendo com que o estigma de território decadente perdurasse até os dias atuais.

Apesar de múltiplos esforços para ressignificar o local ao longo dos anos, a proposta de Lúcio Costa nunca se concretizou em sua totalidade: de fato entre sua inauguração e até o início da década de 1980 ele contava com 10 livrarias, oito cinemas, seis boates, duas saunas e muitos bares, botecos, restaurantes, lanchonetes. Hoje, existem algumas livrarias e lojas de instrumentos musicais,

skate e vestuário urbano, além da Faculdade Dulcina de Moraes¹⁵ voltada para a formação de artistas e arte-educadores. Contudo, muitos estabelecimentos fecharam as portas e, atualmente, as poucas lojas abertas são, em sua maioria, óticas que sobreviveram às crises tanto do local quanto da pandemia de Covid-19 entre 2020 e 2022.

Atualmente, é possível perceber uma mudança de fluxos e ritmos no local ao longo dos dias e horários: pelas manhãs, funcionam empresas e escritórios nos andares superiores; muitas lojas do piso térreo vendem roupas e calçados a preços populares, intercalando-se com lanchonetes fast-food, lojas de produtos religiosos, sex-shops e as tradicionais óticas. Quando chega o período noturno, existe uma fusão de públicos: no início da noite, famílias circulam pela calçada principal a caminho do culto da igreja que atualmente ocupa o antigo Cine Atlântida, que já foi a maior sala do DF com 1200 lugares. O término do culto acontece junto do início das festas que ocupam os corredores do piso principal numa mistura de pessoas com diferentes idades, estilos e gêneros, além dos vários ambulantes de bebidas alcóolicas.

Essa mudança é proporcionada atualmente pelas ocupações Chicão, Biroasca e Subdulcina que realizam festas de samba, pop, funk, tecno, além de feiras de discos e publicações independentes, palestras, etc. Os três movimentos culturais costumam ser grandes apoiadores da cena musical local, ressignificando o território no período da noite e aos fins de semana.

¹⁵ O Teatro Dulcina de Moraes atualmente enfrenta dívidas acumuladas de R\$ 20 milhões e pode fechar. A Fundação Brasileira de Teatro, que guarda 70 anos da história do teatro nacional, é responsável pela manutenção do teatro e da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, ambos localizados no Conic. O prédio de 5 mil metros quadrados deve ir a leilão em setembro para pagar apenas R\$ 328.467,34 em dívidas. Os administradores estão tentando evitar a venda, buscando estratégias jurídicas como o parcelamento extrajudicial das dívidas ou o pedido de recuperação judicial. O teatro, projetado por Oscar Niemeyer e com cadeiras desenhadas por Sérgio Rodrigues, tem uma história rica e importante para o Distrito Federal. (ABREU, 2023).

Figura 05 - festa no Chicão do Conic em julho de 2022



Fonte: fotografia por Julia Ribeiro, 2022

Essa mudança de fluxos também é percebida a três quilômetros dali, na Babilônia Norte. Numa proporção muito menor, ela também comporta alguns escritórios, pequenas lojas de cuidados animais, academia, crossfit, uma padaria e restaurante. É o que fica mais evidente ao longo do dia, já que a arquitetura peculiar foi construída de forma a priorizar a entrada dos estabelecimentos para a quadra residencial, logo não é possível observar tanta movimentação relacionada à economia criativa sem explorar o interior dos corredores dos blocos.

Inauguradas em 1979, as quadras CLN 205/206, imprimem uma atmosfera arquitetônica totalmente diferente das tradicionais quadras das Asas Sul e Norte do Plano Piloto. Suas fachadas em forma de arcos, pintadas de branco, com longas rampas e passarelas subterrâneas fazem do desenho urbanístico da quadra um espaço incomum.

Figura 06 - jardins suspensos da quadra CLN 206



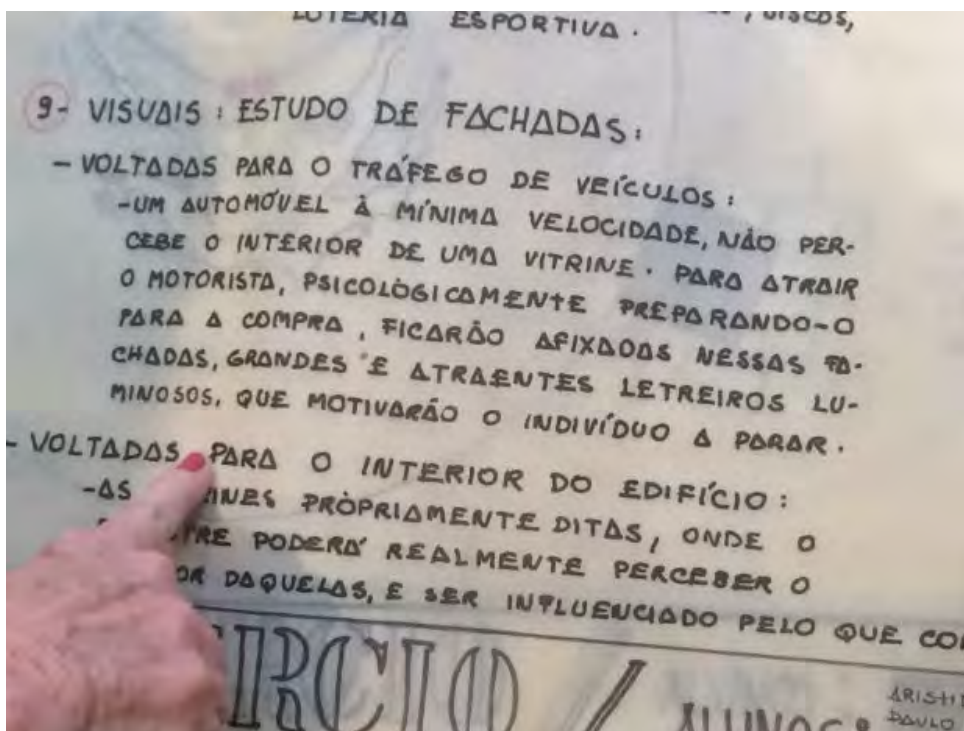
Fonte: reprodução - Correio Braziliense (2013)

A Babilônia foi arquitetada por Doramélia da Motta quando era aluna do curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília. Depois de formada, a arquiteta integrou a equipe da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap) em meados da década de 1970 e apresentou seu projeto ao governador da época, Elmo Serejo Farias. Seu planejamento previa, inicialmente, um estudo das vantagens e desvantagens do comércio de quadra àquela época. Os pontos principais a serem resolvidos eram: o fluxo dos carros, o fluxo de pedestres e que tipo de comércio deveria ser implantado ali.

Analisando o projeto como um todo, é possível observar que seu conceito cumpre uma função urbanística em prol da comunidade de moradores locais: o comércio dos andares térreos seria voltado para estabelecimentos com maior rotatividade e demanda como padarias, mercearias, farmácias, agências de banco e dos Correios; no andar superior, que seria acessado através de rampas, seriam escritórios de médicos, advogados, boutiques, sapateiros. Esse andar também contaria com os jardins suspensos e uma área de convivência

comunitária, com brinquedos infantis; na rua, passagens subterrâneas para os pedestres fariam a ligação das duas quadras, assim o fluxo de carros na via asfaltada não seria interrompido e os transeuntes teriam mais segurança ao atravessar a pista; as docas seriam acessadas pelo lado do asfalto e o comércio teria suas entradas principais voltadas para a quadra residencial; por último, letreiros dos estabelecimentos seriam instalados na fachada branca, informando quais comércios existiam ali. “Quem dirige carro não vê o que tem na vitrine”, diz a arquiteta em entrevista do portal de notícias G1.

Figura 07 - Arquiteta Doramélia da Motta apresenta planejamento urbano das quadras



Fonte: Jamile Racanicci - G1

Logo que se deu sua inauguração em 1979 iniciou-se, também, um processo de descaracterização do projeto. A ideia inicial era que a Terracap alugasse as lojas para que fosse possível cumprir o planejamento do tipo de comércio a ser implantado nas quadras, ou seja, o cumprimento da setorização. Porém, decidiu-se pela venda destes e, assim, os conceitos definidos no plano arquitetônico se perderam, já que os proprietários tinham total liberdade sobre seus imóveis. A venda dos imóveis também teve uma baixa adesão dos

comerciantes da época. Isso fez com que os valores de aquisição ou aluguel fossem mais baixos em relação às outras quadras da Asa Norte, um fator convidativo para que estabelecimentos diversos se acomodassem no local.

Assim como o Conic, a Babilônia teve um período de decadência. Até hoje, o valor dos aluguéis se apresenta de forma um tanto quanto acessível ao comerciante: o metro quadrado gira em torno de R\$ 36,00. Imaginamos que este seja um dos principais fatores para o aspecto de abandono que a quadra oferece ao olhar, já que carece de manutenção. Porém, o valor baixo atraiu ao longo dos anos muitos empreendimentos culturais, artísticos e criativos, transversais ao conceito da economia criativa, que não existiam no planejamento inicial.

Se os fluxos diurnos se restringem principalmente às atividades de escritório, pequenos comércios e esportes, à noite a quadra floresce com sons, cheiros e cores. Músicos amadores ensaiam para sua banda de fanfarra quase todas as noites; uma hamburgueria, um bar e um quiosque de macarrão movimentam o lado da CLN 206 com boa alimentação e música ao vivo ao longo da semana; atravessando a rua, muitas cadeiras de praia se espalham pela calçada de outro bar que também oferece shows, exposições e feiras.

Figura 08 - Movimentação noturna em frente ao Mimobar



Fonte: Fotografia por Coletivo Shake It

Isso é o que o observador esporádico observa nas primeiras visitas à Babilônia. Quando nos permitimos frequentá-la mais vezes e explorar suas rampas e corredores, nos deparamos diversos outros empreendimentos criativos que movimentam a vida cultural e boêmia da quadra.

Figura 09 - festival Ocupa Babilônia realizado no aniversário de Brasília de 2022



Fonte: autoria própria

4. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS E PRÓXIMOS CAMINHOS

Não faltam evidências para definir a Babilônia e o Conic como territórios criativos, mas a jornada para compreensão das condições e fatores que os constituíram ainda continua. Até o momento, o embasamento teórico permitiu uma compreensão da economia criativa como um caminho para o desenvolvimento, destacando sua presença na agenda política do DF a partir de 2016. No entanto, as iniciativas em prol do desenvolvimento da economia criativa no DF têm avançado lentamente. Ainda é necessário priorizar o setor dentro da gestão

distrital. Estudos recentes (FIRJAN, 2022; PEC-DF, 2022) enfatizam a relevância das atividades criativas para PIB e para a mudança da matriz econômica do DF, que não pode depender somente do setor administrativo. O incentivo a outras fontes econômicas se faz urgente.

Uma aproximação ao conceito de cidades criativas está diretamente alinhado a este processo de transformação da cidade por meio de sua criatividade e os territórios analisados indicam um caminho nesse sentido. Porém, ainda podemos considerá-los pertencentes a uma fase de latência, sem uma organização consolidada entre os diversos atores operando ali, sejam eles pequenos indivíduos empreendedores da sociedade civil ou agentes públicos de maior proporção.

É nesse cenário que a investigação sobre Conic e Babilônia como territórios criativos continua. Os próximos passos da pesquisa serão destinados a novas saídas de campo, com entrevistas semi-estruturadas, buscando compreender mais detalhes da influência que a setorização exerce nos territórios. Ao fim dessa experiência, esperamos propor caminhos para a flexibilização desta questão em função de um maior estímulo à economia criativa em Brasília.

REFERÊNCIAS

ABREU, Jade. **Tesouro cultural: atolado em dívidas, Teatro Dulcina vai a leilão e pode fechar**. Metrópoles, 20/05/2023. Disponível em: <https://www.metrópoles.com/distrito-federal/tesouro-cultural-atolado-em-dividas-teatro-dulcina-vai-a-leilao-e-pode-fechar>. Acesso em: 03 jun. 2023.

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 132.

CONIC acompanha as transformações da cidade em seus 48 anos de história. 2015. **Jornal de Brasília**. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/brasil/conic-acompanha-as-transformacoes-da-cidade-em-seus-48-anos-de-historia/>. Acesso em: 18 out. 2022.

CONIC: sexo, drogas e Deus. **Jornal de Brasília**, 21/04/2015. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/brasil/conic-sexo-drogas-e-deus/>. Acesso em: 03 jun. 2023.

CUNHA, K. P. L. da; YANAZE, M. H. **Economia criativa, um paradigma de política pública contemporâneo? Uma discussão conceitual**. *Organicom*, [S. l.], v. 12, n. 23, p. 78-87, 2015. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2015.139296. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/139296>. Acesso em: 17 jan. 2023.

DISTRITO FEDERAL. **Decreto nº 10829, de 14 de outubro de 1987**. Disponível em: <https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Diario/1d8c4f0f-a7f4-3bd9-ac37-d01d9a1b7ba3/00fc9851.pdf>. Acesso em: 11 de maio de 2023.

DISTRITO FEDERAL. **Lei 6.620/2020, de 10 de junho de 2020**. Disponível em https://dflegis.df.gov.br/ato.php?tipo=ato&co_data=633. Acesso em 22 de junho de 2022.

DISTRITO FEDERAL. **Lei 6.6833/2021, de 26 de abril de 2021**. Disponível em: https://dflegis.df.gov.br/ato.php?tipo=ato&co_data=234. Acesso em 22 de junho de 2022.

DISTRITO FEDERAL. Lei Complementar nº 934, de 09 de novembro de 2017. Institui a Lei Orgânica da Cultura dispondo sobre o Sistema de Arte e Cultura do Distrito Federal. . Distrito Federal, DF

DISTRITO FEDERAL. **Plano Piloto**. Sobre a RA: conheça a RA. Disponível em: <https://www.planopiloto.df.gov.br/category/sobre-a-ra/conheca-a-ra/>. Acesso em: 24 abr. 2023.

DISTRITO FEDERAL. **Plano Plurianual 2016-2019**. Anexo II: Estruturação, base estratégica e programas temáticos do plano plurianual. Disponível em: <https://www.seplad.df.gov.br/lei-inicial-do-ppa-2016-2019/> Acesso em: 23 de maio de 2023.

FERREIRA, Victor Moura Soares. **A Rede de Cidades Criativas da Unesco: uma perspectiva das cidades brasileiras**. 2017. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

FLORIDA, Richard. The Economic Geography of Talent. **Annals Of The Association Of American Geographers**, [S.L.], v. 92, n. 4, p. 743-755, dez. 2002. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1111/1467-8306.00314>.

IGREJA Universal compra maior cinema do DF. **Folha de São Paulo**, 15/08/2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/8/15/brasil/58.html>. Acesso em: 03/06/2023.

GARCIA, Cecília. **A Babilônia brasiliense**. 2013. Disponível em: http://sites.correioweb.com.br/app/noticia/encontro/revista/2013/03/25/interna_revista,552/a-babilonia-brasiliense.shtml. Acesso em: 20 set. 2022.

KIELING, ALEXANDRE; DRAVET, FLORENCE; MARQUES, ALBERTO . Panorama da Economia Criativa do Distrito Federal (org.). **Relatório parcial de pesquisa - FASE 1**. Brasília, 2022.

G1 TOCANTINS. **Conheça o coworking, modelo de compartilhamento de espaços de trabalho que tem crescido no país**. G1 Globo, Tocantins, 17 mar. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2022/03/17/conheca-o-coworking-modelo-de-compartilhamento-de-espacos-de-trabalho-que-tem-crescido-no-pais.ghtml>. Acesso em: 05 maio 2023.

IPHAN. Relatório do Plano Piloto de Brasília / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil) (Iphan) Superintendência do Iphan no Distrito Federal, Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal ; coordenação e organização, Carlos Madson Reis, Claudia Marina Vasques e Sandra Bernardes Ribeiro. – Brasília, DF : Iphan-DF, 2018.

NUNES, Brasilmar Ferreira. **Elementos para uma sociologia dos espaços edificados em cidades: o “Conic” no Plano Piloto de Brasília**. Cadernos Metrôpole, São Paulo, v. 21, p. 13-32, jun. 2009. s. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/5953>. Acesso em: 17 out. 2022.

QUAL a origem do nome Brazlândia? **Jornal de Brasília**. 2018. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/blogs-e-colunas/brasil-ia-assombrada/qual-origem-nome-brazlandia/>. Acesso em: 03 jun. 2023.

RACANICCI, Jamile. **‘Ideia era fazer diferente’: arquiteta explica quadra ‘estranha’ de Brasília**. 2016. Do G1 DF. Disponível em: <https://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/04/ideia-era-fazer-diferente-arquiteta-explica-quadra-estranha-de-brasil.html>. Acesso em: 06 jun. 2022.

REIS, Ana Carla Fonseca (org). **Economia Criativa como estratégia de desenvolvimento**: uma visão dos países em desenvolvimento. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

REVISTA Brasília. Rio de Janeiro: **Novacap**, v. 48, n. 7, 01 jul. 1957.

RICKMERS, Anna-Denderah. **THE ARCHITECTURE BEHIND THE PROVOCATION**: challenging business design elements within the creative industries.. 2015. 69 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de International Management And Design Innovation, Glasgow School Of Art, Glasgow, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.1.2010.6729>. Acesso em: 24 jul. 2023.

RODRIGO ROLLEMBERG. **Cidade, Cidadão, Cidadania**: plano de governo. Plano de Governo. Disponível em: <https://www.rollemborg.com.br/planogoverno/planogoverno.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2023.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado** : fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021. 136 p.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **A Cidade nos Países Subdesenvolvidos** . Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1965

TEIXEIRA, Isadora. **Após ser chamado de idiota, Rui Costa explica ataque a Brasília: "Não fui feliz"**. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/grande-angular/apos-ser-chamado-de-idiota-rui-costa-explica-ataque-a-brasil-iao-nao-fui-feliz>. Acesso em: 03 jun. 2023.

TIZZO, Laura. **A história por trás da "Babilônia", a quadra comercial diferente na Asa Norte**. 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10913546/>. Acesso em: 06 set. 2022.

TIZZO, Laura. **Por que isso é assim? Conheça a história dos prédios 'diferentes' da SQN 107, em Brasília**. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/03/19/por-que-isso-e-assim-conheca-a-historia-dos-predios-diferentes-da-sqn-107-em-brasil-iao.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2022.

UNESCO. **UCCN Mission Statement** . 2017. Disponível em: https://en.unesco.org/creative-cities/sites/default/files/uccn_mission_statement_rev_nov_2017.pdf. Acesso em: 01 mar. 2023.

UNESCO. **UNESCO CREATIVE CITIES NETWORK CALL FOR APPLICATIONS** . 2021. Disponível em: https://en.unesco.org/creative-cities/sites/default/files/2021-uccn_application-guidelines__0.pdf. Acesso em: 01 mar. 2023.

UNESCO. **Voices of the City: UNESCO Creative Cities moving towards the 2030 Agenda for Sustainable Development**. Disponível em: https://en.unesco.org/creative-cities/sites/default/files/doc.1-faqs_0.pdf. Acesso em: 01 mar. 2023.

UNESCO. **UNESCO Creative Cities Network - for sustainable development**. 2020. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375210>. Acesso em: 01 mar. 2023.

UNESCO. **Patrimônio e criatividade**. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/cultureresponse>. Acesso em: 22 jun. 2022.

UNESCO. **The 17 Goals**. Disponível em: <https://sdgs.un.org/goals>. Acesso em: 01 mar. 2023.

Creative Territories in the Planned City

ABSTRACT

The article in question is a summary of the ongoing dissertation titled "Creative Territories in the Planned City." The research aims to understand the conditions and factors that lead to the formation and prosperity of creative territories for the economic growth of the city. The study focuses on Babilônia Norte and Conic, considering the factor of sectorization in Brasília, which proves to be a crucial element for the existence of specific enterprises in certain urban areas. The research will be conducted using methodologies such as cartography and documentary analysis in this initial stage. The concepts of territory (SANTOS, 2006) and creative cities (REIS, 2011) provide the theoretical foundation developed here, along with theories regarding the creative economy as a pathway to the development and potential transformation of Brasília's economic structure..

Keywords: Creative territories. Creative economy. Brasília. Conic. Babilônia Norte.

Territorios Creativos en la Ciudad Planeada

RESUMEN

El artículo en cuestión es un resumen de la disertación en curso titulada "Territorios Creativos en la Ciudad Planeada". La investigación tiene como objetivo principal comprender las condiciones y factores que llevan a la formación y prosperidad de los territorios creativos para el crecimiento económico de la ciudad. El estudio se enfoca en Babilônia Norte y el Conic, considerando el factor de sectorización en Brasília, que resulta ser un elemento crucial para la existencia de empresas específicas en ciertas áreas urbanas. La investigación se llevará a cabo utilizando metodologías como la cartografía y el análisis documental en esta etapa inicial. Los conceptos de territorio (SANTOS, 2006) y ciudades creativas (REIS, 2011) brindan el fundamento teórico desarrollado aquí, junto con teorías sobre la economía creativa como una vía para el desarrollo y posible transformación de la estructura económica de Brasília.

Palabras clave: Territorios Creativos. Economía creativa. Brasília. Conic. Babilônia Norte.